

A Educação Ambiental e a Pedagogia Waldorf no Ensino Fundamental

Environmental Education and Waldorf Pedagogy in Elementary Education

Educación Ambiental y Pedagogía Waldorf en la Escuela Primaria

Ana Paula Passaes Gadino¹

Jonas Bach Junior²

Andrea Rabinovici³

Resumo

Este artigo objetiva compreender como a Educação Ambiental (EA) acontece no currículo e na atuação das Escolas de Pedagogia Waldorf (PW) no Ensino Fundamental. As ferramentas, estratégias e metodologias orientadas às iniciativas de EA, que visam mudanças de atitudes e comportamentos voltados à relação ser humano/natureza, foram trazidas ao contexto das Escolas Waldorf para verificar possíveis correspondências destas com a PW em suas abordagens e orientações curriculares. O presente estudo é derivado de pesquisa de mestrado, a qual teve como metodologia a coleta de dados via entrevistas semiestruturadas com professores e formadores de professores de PW e que foram analisadas com recursos da análise interpretativa (YIN, 2016). Estão compilados, aqui, alguns dos resultados e das questões mais relevantes que permearam as discussões da dissertação. O estudo mostrou que a EA recebe maior atenção de pesquisadores, de forma contínua e não ocasional, tendo seus diversos matizes como possibilidades de trabalho. Na PW não há tradição de estudos contínuos, há ainda muito por construir, sendo as bases da PW conscientes da busca pela saúde humana e planetária. O ferramental da EA é utilizado e existem algumas práticas comuns e muitas possibilidades para serem desenvolvidas na PW, há necessidade de sistematização, estudo, orientação de educadores para atualização curricular e novas práticas, podendo a EA ser bastante útil, para além do que já ocorre. É fundamental que haja investimento na formação de professores, permitindo que se apropriem das possibilidades que as orientações curriculares disponibilizam. A busca da autoeducação, quanto sua relação individual com o restante da natureza pode diversificar a prática pedagógica.

Palavra-chave: Educação Ambiental. Pedagogia Waldorf. Antroposofia.

Abstract

This article aims to understand how Environmental Education (EE) impacts the curriculum and the performance of Waldorf Pedagogy Schools (PW) in Elementary School. The tools, strategies and methodologies oriented to EE initiatives, which aim to change attitudes and behaviors towards the human being/nature relationship, were brought to the context of Waldorf Schools in order to verify possible correspondences with PW in their curricular approaches and orientations. The present study arose from a master's research and was based on the investigation of a theoretical framework and semi-structured interviews with teachers and teacher trainers of PW and analyzed using the resources of interpretive analysis (YIN, 2016). Some of the most relevant results and questions that permeated the dissertation discussions are compiled here. The study showed that EE receives greater attention from researchers, continuously and not occasionally, having its various nuances as possibilities for work. In PW there is no tradition of continuous studies; there is still much to build, being the foundations of PW aware of the search for human and planetary health. The EE tools are used and there are some common practices and many

¹ Mestra em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo – Unifesp. Professora de Classe de 1º a 8º ano na Escola Waldorf Santos e Escola Waldorf Angelim. Professora de Ciências Naturais na Escola Waldorf Angelim, E-mail: appgaldino@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professor Adjunto da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM, Brasil, E-mail: jonas.bach@uftm.edu.br

³ Doutora em Ambiente e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Professora Associada da Universidade Federal de São Paulo- Unifesp e Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Análise Ambiental Integrada da Unifesp, E-mail: arabinovici@unifesp.br

possibilities to be developed in the PW. There is a need for systematization, study, and guidance of educators to update the curriculum and new practices; for this purpose, EE can be very useful, in addition to what already exists. It is essential that there is investment in teacher training, allowing them to take advantage of the possibilities offered by the curriculum guidelines. The search for self-education in terms of its individual relationship with the rest of nature, can diversify the pedagogical practice.

Keywords: Environmental Education. Waldorf pedagogy. Anthroposophy.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo comprender cómo ocurre la Educación Ambiental (EA) en el currículo y en el desempeño de las Escuelas de Pedagogía Waldorf (PW) en la Educación Primaria y Secundaria Obligatoria. Las herramientas, estrategias y metodologías orientadas a las iniciativas de EA, que pretenden cambiar actitudes y comportamientos hacia la relación ser humano/naturaleza, fueron llevadas al contexto de las Escuelas Waldorf para verificar posibles correspondencias de éstas con la PW en sus enfoques y orientaciones curriculares. El presente estudio se deriva de una investigación de maestría que tuvo como metodología la recolección de datos a través de entrevistas semiestructuradas a profesores y formadores de profesores de PW y que fueron analizadas con recursos de análisis interpretativo (YIN, 2016). Aquí se recopilan algunos de los resultados y preguntas más relevantes que impregnaron las discusiones de la disertación. El estudio mostró que la EA recibe mayor atención por parte de los investigadores, de forma continua y no ocasional, teniendo sus diferentes matices como posibilidades de trabajo. En PW no existe una tradición de estudios continuos, todavía hay mucho que construir, siendo las bases de PW conscientes de la búsqueda de la salud humana y planetaria. Se utilizan las herramientas de EA y existen algunas prácticas comunes y muchas posibilidades a desarrollar en la PW, hay necesidad de sistematización, estudio, orientación de los educadores para actualizar el currículo y las nuevas prácticas, y la EA puede ser muy útil, más allá de lo que ya se produce. Es esencial que se invierta en la formación de los profesores, permitiéndoles apropiarse de las posibilidades que ofrecen las directrices curriculares. La búsqueda de la autoeducación, en cuanto a su relación individual con el resto de la naturaleza puede diversificar la práctica pedagógica.

Palabras clave: Educación Ambiental. Pedagogía Waldorf. Antroposofía.

1 Os desafios de mudar o mundo a partir da Educação Ambiental e da Pedagogia Waldorf

O ser humano e a natureza estão diretamente relacionados em sua própria existência compondo o organismo Terra. No entanto, desde o final do século XIX, o distanciamento da humanidade em relação à natureza está fundamentado nas ações humanas tidas como racionais, além das ameaças à sua própria sobrevivência.

Esse distanciamento culminou numa crise ecológica que ameaça o futuro e requer uma educação que reconheça os problemas socioambientais como complexos e emergenciais, configurando-se, assim, o desafio de restabelecer a conexão entre ser humano e natureza. A Educação Ambiental (EA) surge como um caminho possível para enfrentar essa crise e oferecer resistência à lógica do sistema capitalista e seus padrões insustentáveis de desenvolvimento e de consumo. Segundo Gadotti (2000), a EA trata de uma mudança de mentalidade em relação à qualidade de vida e bem-estar, além de estimular o ensino e a aprendizagem quanto à relação saudável e equilibrada no contexto em que o sujeito está inserido: doméstico, de trabalho e escolar.

A Ciência Espiritual Antroposófica, criada por Rudolf Steiner, também conhecida como Antroposofia – em suas pesquisas sobre a natureza – é fundamentada cientificamente pela observação, descrição e interpretação dos fatos, admitindo e reconhecendo os avanços das ciências naturais, completando-as e interpretando-as a partir de suas descobertas. O conhecimento trazido pela Antroposofia orientou a construção da Pedagogia Waldorf (PW), apontada por Hutchison (2000) e Gadotti (2000), como método alternativo de escola formal. Com um currículo que respeita as etapas do desenvolvimento humano e ensina por meio da arte

e da veneração à natureza, a PW vem como alternativa à necessidade de mudança na educação e na sociedade.

Enquanto a EA busca a prática e a ética nas relações entre seres humanos e a natureza, contrapondo-se à visão utilitarista dos recursos naturais vigente no sistema capitalista, a PW é uma linha pedagógica que apresenta a essência da natureza, com vivências artísticas e veneração de seus elementos, com atividades próprias a cada etapa do desenvolvimento humano.

Estudos que relacionem a EA e PW, analisando temáticas comuns e possíveis aplicações práticas, ainda são incipientes. No âmbito da EA, por exemplo, existem referências acadêmicas e um pensamento que vem sendo desenvolvido há anos. No caso da PW, esses estudos são eventuais, com poucos pesquisadores investigando o tema. A escassez no desenvolvimento acadêmico dessa área, mostra a importância da presente pesquisa, que é oriunda da dissertação de mestrado de Galdino (2021).

Assim, neste artigo objetivamos compreender os usos dos conceitos e práticas de EA entre os educadores que atuam com a PW no Ensino Fundamental (EF), quando se pretende modificar valores, atitudes e comportamentos que emergem da relação ser humano e natureza. Das práticas identificadas em correlação, investigamos as que são ou poderiam ser utilizadas na PW, de acordo com as orientações curriculares e a formação de professores.

2Percurso metodológico

Para responder às questões do estudo aqui empreendido, realizamos: (i) pesquisa teórica; (ii) levantamento prévio para identificar professores, professores tutores e formadores em PW no Estado de São Paulo; (iii) seleção de entrevistados, usando a metodologia *snowball sampling* (Bola de Neve) (WHA, 1994); (iv) realização de entrevistas semiestruturadas, com escolhidos e indicados; (v) análise das entrevistas tendo como referência a análise interpretativa (YIN, 2016); (vi) algumas informações sobre PW foram construídas a partir da experiência de Galdino (2021) em escolas de PW.

A coleta de dados envolveu aplicação de entrevistas semiestruturadas, no período entre agosto de 2019 e novembro de 2020, com alguns educadores que atuam no Estado de São Paulo. Essa coleta foi feita para identificar as percepções e usos da EA por educadores Waldorf. Entrevistamos sete indivíduos, sendo três professores e quatro formadores de professores. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unifesp⁴ e, após aprovado, iniciamos a coleta de dados. Sendo um trabalho de pesquisa qualitativa, consideramos que a amostragem foi suficiente para subsidiar a coleta de dados, pois os elementos disponíveis nessas entrevistas contemplaram a teorização necessária à nossa abordagem. As entrevistas foram presenciais ou por vídeo chamada, gravadas e transcritas na íntegra, e objetivaram registrar as percepções sobre as práticas pedagógicas de EA nas suas experiências com PW.

As respostas que compõem a parte empírica da pesquisa estão representadas por dois grupos. Um grupo é de ex-professores que, hoje, lideram formações de professores; o outro é de professores que estão em sala de aula. Como as respostas foram muito similares, optamos por analisá-las em conjunto.

A análise das respostas foi realizada tendo como referência a metodologia de Yin (2016) combinada com o uso da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2009), fazendo a seleção de trechos que descrevem o conteúdo das mensagens, sem, no entanto, realizar a categorização dos trechos, somente fazendo uma verificação para evidenciar indicadores que possibilitaram

⁴ Comitê de Ética. Número do Parecer: 3.419.032. Projeto CEP/UNIFESP n:0067/2019 (parecer final).

inferir a realidade oculta, representando o conteúdo de forma diferente da original, de modo condensado, para consulta posterior e uso do referencial teórico.

3 Referencial teórico: apontamentos sobre EA e PW

Ao longo de sua concepção, a EA constitui proposta pedagógica contemporânea, que ainda é um paliativo em meio a um sistema econômico insustentável, mas busca preparar os seres humanos para os desafios da crise ambiental. Embora esse debate perdure por mais de cinquenta anos, ainda faltam ações conscientes de cuidado com a saúde individual e coletiva. O despertar da humanidade para a responsabilidade pela sobrevivência planetária ainda está por vir.

No decorrer do tempo, a EA se tornou extremamente complexa, com múltiplas abordagens. Entre os matizes de EA existentes, no presente estudo abordamos a EA em suas vertentes conservadora, pragmática e crítica; além disso, trazemos referenciais da Ecosofia, Alfabetização Ecológica, Educação Holística e Ecológica e a EA Vivencial, delineando, assim, possibilidades de construção de um consciente coletivo na busca da sobrevivência mais saudável do planeta. Entendemos que todos esses matizes demonstram a diversidade de formas de atuação da EA e possuem características comuns na busca de abordagens amplas e complexas ao trabalhar a questão ambiental nos espaços escolares.

Para fins didáticos, compilamos uma síntese das três abordagens da EA enfocadas neste artigo. Primeiramente, a *EA Conservadora*, que se atém aos problemas ambientais mais aparentes, sem considerar suas causas mais profundas. Baseia-se na relação dicotômica ser humano e ambiente e não inclui, em sua fundamentação teórica, as questões sociais e políticas. A *EA Pragmática* busca compatibilizar o desenvolvimento econômico e o manejo sustentável de recursos naturais com foco numa mudança de comportamento individual, por meio de informações, normas ditadas por leis e projetos governamentais. Já a *EA Crítica*, apresenta como premissa a dimensão política da questão ambiental e questiona o modelo econômico vigente. Alerta para a necessidade do fortalecimento da sociedade civil e a construção de transformações sociais. No âmbito da educação, baseia-se no pensamento de Paulo Freire e autores que propõem que a ação educativa seja orientada para a transformação das estruturas econômicas, políticas e sociais.

Segundo as bases teóricas da EA crítica, a escola, bem como todos os espaços educadores, atua como agente de mudança social, passando pelas escolhas éticas de seus gestores e educadores. Freire (2015) aponta que os seres humanos, quando se assumem como sujeitos éticos, são sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, construindo-se como sujeitos históricos, transformadores. Essa ética, inseparável da prática educativa, é a que se deve buscar no trabalho com EA. A melhor maneira de lutar por ela é vivenciá-la, é testemunhá-la aos educadores e educandos e nas relações entre eles, de modo vivaz.

No que tange à PW, ela se constrói com base num viés ecológico e antroposófico, que preconiza a inter-relação das várias dimensões da ação humana, seja do indivíduo para consigo mesmo, em relação ao outro e em relação ao ambiente. Assim, a proposta pedagógica waldoriana é coerente com os pressupostos de uma cidadania planetária, que o educando conquista, de modo continuado, ao longo do processo educacional que prioriza essa inter-relação citada.

Sugerimos, então, que há pontos focais que se interseccionam entre a EA e a PW, o que se revela no referencial que discutimos na continuidade.

No contexto do que estamos abordando, sobre a necessária transformação na relação ser humano e meio ambiente, Guattari (1995) indica a adoção urgente de uma ética *ecosófica*, e sugere que tal transformação só acontecerá a partir de profundas reflexões e ações humanas. A Ecosofia busca oferecer à humanidade motivação para a prática aberta e infinita, sem moldes,

recortes ou singularidades. Não se trata de propor um modelo, mas assumir o conjunto de componentes ecosófico para, a partir de suas particularidades, instaurar novos sistemas de valorização de bens materiais, bens culturais e áreas naturais. Para o autor, a Ecosofia é um modelo prático e especulativo, ético-político e estético, não uma disciplina, mas uma possibilidade de renovação das formas de concepção do ser humano, da sociedade e do meio ambiente. Ele afirma que essa construção deve acontecer com base na diversidade, em um contínuo de retomada de confiança da humanidade em si mesma e, a cada passo, eliminando a passividade ambiental.

Guattari (1995) trata da urgência por renovar valores éticos e apresenta caminhos para a transformação, o que configura, também, o objetivo da EA. O autor afirma a visão de que não haverá transformação sem autêntica revolução política, social e cultural. A ética ecosófica coloca a demanda de levar para o ambiente escolar a complexidade do pensamento sistêmico, de forma que o trabalho pedagógico se amplie e ofereça espaço para criar oportunidades de mudanças de comportamento quanto à relação humanos e natureza.

Capra (1982) afirma que o distanciamento do ambiente natural enfatiza a divisão entre espírito e a matéria em uma noção de universo como um sistema mecânico. A concepção mecanicista do mundo perdura na base da maioria das nossas ciências e continua a exercer enorme influência, principalmente na fragmentação das disciplinas acadêmicas. Para a nova visão da realidade complexa, de forma sistêmica, holística e ecológica, é necessária a mudança nos pensamentos, percepções e valores.

Por sua vez, Hutchison (2000) defende trazer à educação a noção de espiritualidade, considerando que esse aspecto é essencial à filosofia holística e envolve a busca contínua por significado e por finalidade no mundo. Educadores holísticos consideram essa busca como sendo tanto interna, dirigida pela criança, quanto externa, dirigida pelo professor e pelo currículo escolar. Em muitos modelos de Educação Holística, os esforços artísticos são apresentados de modo proeminente e podem formar a base do currículo. O mesmo autor afirma que a filosofia holística oferece o melhor contexto para o surgimento de uma nova visão da educação. Essa visão surge no contexto perene da filosofia que apresenta uma visão ecológica do mundo. Sob a perspectiva holística, todos os fenômenos na natureza são vistos como interligados. Essa interdependência está baseada em uma reciprocidade dentro e entre os mundos natural e a vida humana. Hutchison (2000) afirma, ainda, que o maior desafio do movimento holístico são questões de justiça pessoal e social e diversos tipos de violência. O autor ressalta a utilização de materiais naturais nas Escolas Waldorf como uma estratégia interessante para renovar os vínculos das crianças com o mundo natural.

Nesse contexto, Bach Junior (2007) afirma que a terminologia Educação Ecológica pode ser utilizada no lugar da EA pois, apesar de esta ter definição no meio acadêmico pela inserção dos aspectos sociais nas questões ambientais, ela nos remete apenas à relação ser humano e natureza. As contribuições de Hutchison (2000) e Bach Junior (2007) corroboram quanto à necessidade de uma abordagem complexa da realidade. Ao trazerem a noção da espiritualidade, apontam a PW como base de uma educação capaz de ampliar essa visão do ser humano, por meio do entendimento quanto ao desenvolvimento da criança diante de uma visão sistêmica e ecológica do mundo.

Mendonça (2007) afirma que a EA pretende que os indivíduos alcancem a percepção de sua responsabilidade sobre o que acontece no mundo, quanto a sua participação no todo. Para isso, é preciso que conceitos sejam internalizados e transformados em comportamentos inovadores e criadores de novos modos de viver e de novas culturas de respeito à natureza. Dentre as possibilidades da EA, a autora traz o conceito de *EA Vivencial*, que oferece oportunidade para o corpo inteiro aprender e não apenas o cérebro. As vivências aproximam as pessoas de si, tornando o aprendizado autêntico, onde o próprio corpo produz conhecimento.

Integradas ao contexto da EA, as vivências consistem numa proposta pedagógica de experimentação de conceitos, observação das emoções, sentimentos e pensamentos, e contribuem para a conservação da natureza. Designam, também, uma abordagem voltada para práticas educativas em ambientes naturais com foco na interação com a natureza.

As Vivências com a Natureza propostas por Cornell (1997) se propõem a lidar com as contradições da sociedade, conduzindo a novos estágios de relacionamento. Ferramentas práticas como as propostas por Cornell (1996) e Mendonça (2007) são exemplo de que o formato da sala de aula não é o único possível. Para atuar nesse sentido, a educação merece uma revisão metodológica, em atividades de aproximação da comunidade escolar com a natureza. Contudo, para efetivar essas propostas, apontamos que a escola necessita de revisão curricular para que o ensino aconteça, concretamente, e resulte na promoção e no despertar do respeito aos ciclos da natureza.

Conforme já explicamos, a PW atua através da arte de educar para o desenvolvimento saudável do ser humano. Para Steiner (2000), o mundo é mais do que nossos órgãos sensoriais mostram, pois reconhece outras formas de manifestações não físicas, suprassensoriais. Steiner (2009) diz que com a preponderância da inteligência sobre as demais capacidades humanas, a educação ocidental absorveu o modelo mecanicista e criou sistemas educativos voltados, exclusivamente, ao desenvolvimento das habilidades intelectuais em detrimento do sentimento e da vontade.

Steiner antecipou a problemática social e ecológica. Mostrou que, para essa difícil tarefa, os conhecimentos científicos e técnicos não são suficientes. Seria necessária a aquisição de um pensamento vivo e global, com competência para adequada tomada de decisões e um atuar autônomo. O aspecto ambiental e multicultural seriam as ferramentas para prover tal educação. Na busca de uma qualificação básica multidisciplinar, é relevante ter interesse ativo pelos aspectos da vida e uma vontade comprometida com o bem-estar social (FERNANDES, 2006).

Na perspectiva de Steiner (2009), a cultura atual alimenta processos que levam à cisão das três forças anímicas: o pensar, o sentir e o querer. O *eu* deve encontrar caminhos para coordenar essas forças entre si. Para isso, podemos ter uma consideração psicoecológica, pois a ecologia é o saber da correlação existente entre minerais, vegetais e animais, e a ecologia cria uma estrutura terrena onde os reinos da natureza se suportem entre si, mutuamente, de forma sadia. Com base nessas premissas, aos alunos deveriam ser oferecidas atividades intencionais, permeadas pelo pensar, sentir e querer, levando-os até o agir (BOS, 1986).

É fato que não há destaque específico para a questão ambiental na PW, pois o tema da ecologia e a derivação para questões ambientais não está enfatizado em suas orientações curriculares, mas o tema permeia profundamente a PW. Steiner, já no século XIX, estava atento ao que viveríamos como crise ambiental, como desdobramento de uma civilização materialista. Nesse contexto, a PW, assim como a EA, defende a necessidade de uma transformação no modo como o ser humano atua no mundo, postulando que isso deva ocorrer a partir do pensar, sentir e querer, em todo seu corpo de ações, sentimentos e pensamentos.

A Antroposofia enfatiza a transformação humana, porém isso não significa que seja antropocêntrica, excluindo outros seres e reinos. Ao contrário, a vida humana só é possível diante de toda a criação, evolução e sacrifício dos seres que vieram antes. Adotando esse viés, a Antroposofia abre inúmeras possibilidades de atuação pedagógica, porém, apesar do diferencial percebido nessa forma de educar, ainda existe um longo caminho para que o ser humano desenvolva integralmente responsabilidades relativas a todas as demais formas de vida. Entendemos que é preciso atentar, principalmente, às formações de professores Waldorf, às demandas atuais de uma sociedade cuja infância é digitalizada e à importância da reconexão com a natureza.

Diante dessa exposição, postulamos que é possível encontrar um caminho para o trabalho com a questão ambiental, problematizando o tipo de consciência que se tem e o medo de possível catástrofe, diante da veneração e amor pela natureza, fortalecendo a ação para seguir caminhos no agir em nome de toda a humanidade. Nesse ponto se encontra o gargalo da questão ambiental na sociedade contemporânea: ter consciência do problema, sentir que algo precisa ser feito e que, mesmo que se concorde com a existência e gravidade do problema, essa consciência não se traduzido em ações concretas.

Se, no início do século XX, o nascimento da PW trouxe uma espontaneidade ao deixar implícita a questão ambiental, é possível constatar que, no século XXI, há a necessidade de explicitar essa abordagem. Nessa direção, é notável a diversidade de possibilidades que a PW tem para atingir o objetivo de aproximar o ser humano da natureza, mediada por atividades que se concretizam, também, através da arte. Isso porque a PW possui orientações pedagógicas específicas, que visam o desenvolvimento humano integral. Na PW os ambientes escolares são preparados para que a criança conviva com os fenômenos em sua essência. O estilo arquitetônico lembra uma casa, com predomínio da simplicidade, e privilegiando o contato com o ambiente natural. As atividades acontecem com uso de materiais duráveis e resistentes evitando descarte e novas aquisições (OLIVEIRA, 2006). Vale ressaltar, ainda, que a religiosidade está inserida nas práticas cotidianas e acontece por meio de vivências que despertam na alma humana o vínculo e a veneração pela natureza.

Outro aspecto fundamental na PW é a formação do professor. Este, além de ter conhecimento sobre o currículo, deve se aprofundar no estudo antropológico sobre as etapas do desenvolvimento humano. Na concepção de Steiner (1996), o educador deve estar consciente de que sua tarefa não é simplesmente intelectual e emotiva, mas, acima de tudo, ética e espiritual.

Ao longo de seu trabalho, Steiner (2012) concebeu um currículo com base nas fases do desenvolvimento da criança. Entretanto, não deixou um plano de ensino definitivo. Stockmeyer (1976) afirma que o currículo das escolas Waldorf não é obra acabada e deve viver nos pensamentos e sentimentos dos professores.

Na PW o professor conta com ferramentas fundamentais, conquistadas dia a dia, com estudo e empenho autoeducativo. Dessa forma, o processo educativo atua construindo conhecimento por meio do desenvolvimento de capacidades cognitivas, sensitivas e volitivas. Na perspectiva de Bach Jr. e Guerra (2018, p. 863) trata-se de elaborar um currículo que priorize a “correlação entre o estado psíquico, o estágio antropológico que a criança ou adolescente se encontra e a qualidade da sua interação com o mundo”.

Na intenção de promover saúde, a abordagem metodológica da PW considera essencial a influência do ritmo das mudanças que acontecem ao longo do desenvolvimento humano, com suas *leis biográficas*. A necessidade de o ensino respeitar o desenvolvimento da criança também foi observada por Montessori (1870-1952) e Piaget (1896-1980), porém, suas colocações visam atender, apenas, o âmbito do desenvolvimento cognitivo, enquanto na visão de Steiner (2012) o desenvolvimento é ainda mais complexo, incluindo os aspectos afetivo e o volitivo. Na concepção antroposófica, para educar, tão importante quanto conhecer os aspectos relacionados à biografia humana, é conhecer a origem espiritual da alma humana. “O cuidado com a natureza, com os outros, consigo mesmo, não é suscitado pela lógica; esta não tem o poder de persuasão que a viva percepção ecológica possui para fundamentação de nossos atos” (BACH JUNIOR, 2007, p. 101).

É preciso muito estudo para educadores compreenderem o caminho de desenvolvimento que o ser humano trilha para integrar qualidades corpóreas e anímicas. Sempre respeitando o tempo condizente com o ritmo natural de amadurecimento do corpo, da alma e do espírito. O cuidado de não acelerar ou desacelerar no ritmo dos processos de cada fase, ajuda na interação saudável com o ambiente individual, físico e social.

3.1 Conexões entre EA e PW

A pesquisa que embasa este artigo permitiu-nos notar que há algumas semelhanças e diferenças evidentes no entendimento e na aplicação dos conceitos e usos de EA na PW. A partir da revisão bibliográfica e das entrevistas realizadas, observamos que, visando mudanças de comportamento, tanto alguns matizes de EA como da PW, veem o mundo quanto às relações e interações, ou seja, de forma holística, pela inter-relação de todos os sistemas nele presentes, considerando o humano como o microcosmo da natureza e a natureza, o seu macrocosmo. A consciência dessa relação complexa deve ser levada pelos educadores ao cotidiano da escola na busca de promover mudanças.

Outro ponto conexo refere-se a algo que permeia as abordagens de EA e PW, quando explicitam que visitas ou atividades esporádicas na natureza, para vivências, mesmo que estratégicas, não bastam para a formação integrada. A mudança na relação ser humano e natureza acontece no dia a dia, na construção de hábitos, e depende diretamente da predisposição dos educadores.

Galdino (2021) compara conceitos e práticas da EA, nas suas diversas abordagens e seus usos na PW. A autora afirma que, diante de tamanha diversidade apresentada pela EA, não há um consenso entre seus matizes, assim como há uma diversidade de abordagens na PW e entre EA e PW há diversas correspondências. A EA Crítica se destaca quanto a sua abordagem política, com viés na transformação da realidade individual e social, enquanto a Alfabetização Ecológica, mais conectada com a PW, está orientada no pensamento sistêmico e no sistema complexo, assim como a Educação Ecológica e Holística, que incluem dimensões do sutil humano, como a espiritualidade, a ética, a sensibilização, o imaginário de um sistema interligado no universo interdependente. A EA Vivencial demonstra que a construção de conhecimento acontece por meio da vivência corporal e observação de fenômenos, e não apenas por estímulos cognitivos.

A presente pesquisa encontrou sentido, também, nos pensamentos de Hutchison (2000), que apresenta a Educação Holística e/ou Ecológica. Assim como a PW, esse caminho de ensino traz para a prática pedagógica a noção de espiritualidade, na busca de significado e propósito. Ressalta a visão ecológica nos fenômenos da natureza interligados e interdependentes. O autor indica a PW como método de ensino, por apresentar a noção da espiritualidade nas abordagens educativas e contemplar a visão do ser humano por meio do respeito a cada etapa de seu desenvolvimento, com uma visão sistêmica e ecológica do mundo.

No século XXI, é comum que o jovem experimente uma sensação de impotência diante da destruição da natureza, justo em uma fase em que existe vontade de transformar e mudar o mundo. Essa ameaça constante à natureza, com a lenta e constante destruição dos recursos naturais, constitui um problema pedagógico, muitas vezes, sem solução. Isso pode levar a uma espécie de paralisia da vontade e resignação geral (RICHTER, 2002). As ações práticas, feitas a partir da manifestação da vontade, são as que mais aproximam o ser humano do espírito. Os atos, frutos da atuação volitiva, são as contribuições que cada individualidade oferece na transformação do mundo ao longo da existência. Essa resignação frente a destruição da vida do planeta, gera um afastamento cada vez maior entre o ser humano e a espiritualidade.

Através da pesquisa que fundamentou este artigo, realizada através de entrevistas, entendemos que, em um espaço educador, o aprendizado se dá no social, no brincar livre, na caminhada, no movimento, observando, preparando e construindo algo, plantando, colhendo, cuidando do espaço, desenhando, modelando, tocando um instrumento, costurando etc. O transformar com as próprias mãos torna os humanos mais completos e conscientes de seu poder transformador. Ações práticas geram resultado e jovens podem observar a relação de causa e efeito, dando a noção de juízo próprio sobre sua capacidade de realização. Vivenciar o que pode

e deve ser feito para que haja uma transformação da realidade concreta a partir da aplicação da força de trabalho, de sua ação no mundo. Nesse sentido, a EA acontece, esporadicamente, no âmbito de qualquer tipo de pedagogia, e esses elementos se coadunam com a EA Vivencial.

Contudo, de modo geral, a educação formal tem estado voltada para questões pragmáticas, mesmo por exigência das famílias que se preocupam com o que é um conhecimento útil e não útil, onde o conhecimento considerado útil é aquele que faculta que os jovens passem no vestibular e, posteriormente, se integrem ao mercado de trabalho. Nesse sentido, a escola se tornou lugar de alienação da vida cotidiana e sua motivação aos estudos se resume à necessidade de passar nos exames e aceitação social como mão de obra. Isso é extremamente prejudicial às crianças e adolescentes, pois, nessa idade, não se projetam no futuro, elas vivem no presente percebendo-se diretamente como seres espirituais e sensoriais, conforme pressupostos da PW (GUTTENHÖFER, 2014).

Nossa pesquisa mostrou, sob aspectos da PW, que apesar de a Antroposofia não citar diretamente a problemática ambiental como tema e a EA não ser uma disciplina específica, existe uma aproximação da *Arte de Educar* orientada pela PW com diversas referências trazidas por alguns pensadores contemporâneos da EA. Isso pode ser observado quando apresentam o pensamento sistêmico, a visão holística do Universo, a sensibilização e a consciência humana quanto à espiritualidade.

É fato que a atual conjuntura das questões ambientais no século XXI não foram abordadas, de forma direta, por Steiner, o qual tampouco deixou diretrizes para que algo como a EA aconteça. Todavia, diante de toda a base deixada como legado por ele, há muita coisa na PW que está por vir, oferecendo liberdade para cada educador pensar e agir. Cada um pode olhar para o problema de sua época, indagar, elaborar e resolver a questão usando o conhecimento que foi deixado como inspiração nessa construção. Ao olhar criticamente para o próprio contexto, o educador compreende as necessidades do lugar onde vive e elabora formas para melhorar seu entorno, ou seja, todos os humanos carregam em si a possibilidade de estarem ativos nesse papel de transformação e desenvolvimento de habilidades humanas.

Ressaltamos, ainda, que o problema do antropocentrismo, apresentado por pesquisadores em EA, não é muito claro na Antroposofia, tampouco na PW. Porém, há grande confusão com relação a esse tema por quem está fora do movimento antroposófico. Isso acontece devido ao fato de que Steiner deu grande ênfase à transformação do mundo e dos indivíduos através da consciência do Eu humano, centralizando essa capacidade de transformação no íntimo do ser em desenvolvimento. Porém, isso é diferente do antropocentrismo criticado por educadores ambientais.

Quando Steiner enfatiza a importância da transformação do mundo através do Eu humano, não é através da perspectiva solipsista, que acabou sendo consequência de um cartesianismo no mundo, o antropocentrismo com uso inescrupuloso dos recursos naturais, sem pensar no bem-estar do próximo, apenas no bem-estar pessoal. A antroposofia engana aos que têm uma abordagem superficial sobre a PW, e acham que parece antropocentrismo, pois o ser humano sempre é colocado no centro. Porém este ser humano em evolução é uma individualidade que existe como consequência de toda a existência e está em diálogo, troca, aprendizado, em respeito e veneração pelo planeta, desse modo, não há desconexão com aquilo que a EA preconiza quando afirma que o homem não é o centro do universo.

A humanidade está diante da oportunidade de revisar a função da escola, e torná-la promotora de cultura, de visão crítica da realidade, de oportunidade de compartilhar a vida com todos os outros, da ampliação e compreensão da sua centralidade nos laços sociais e de sua condição como serviço essencial. Dessa forma, a escola como espaço educador, pode acontecer não apenas para cumprir currículo, mas para ser uma oportunidade de troca de saberes e de experiências, fortalecimento de vínculos pessoais e sociais, resistência criativa, e de

solidariedade com a comunidade escolar e entorno educativo, o desenvolvimento do livre pensar como verdadeiro encontro com a espiritualidade.

Segundo essa exposição de ideias, entendemos que, em qualquer escola, atividades de EA são possibilidades de construção de aprendizado dentro e fora da sala de aula. Podem fazer com que tudo e todos no ambiente escolar sejam educadores e dotados de múltiplas funções. Cada espaço compõe uma oportunidade de interação e transformação a partir de escolhas e atitudes individuais. Um a um, em suas potencialidades e capacidades, podem trocar conhecimento. Cada um em sua função e com olhar atento e afetuoso pode contribuir com aulas práticas em sua especialidade. Junto ao processo de autoeducação dos educadores, a escola pode vir a ser um local de amplo ensino e aprendizagem, como agente de mudança e interação socioambiental.

Vale enfatizarmos que atividades que eduquem a vontade (movimento) e a abordagem ambiental são urgentes no contexto escolar. Em especial, no currículo proposto pela PW que é todo construído a partir de uma visão ampla do ser humano, sua relação e veneração pela natureza. Assim, parece-nos notável o potencial para se trabalhar questões ambientais no dia a dia das escolas, inclusive as escolas Waldorf. Identificar a necessidade de explorar os ambientes externos para a abordagem dos conteúdos curriculares mostra o quanto alguns professores ainda estão despreparados para atuar fora da sala de aula. Diante desse desafio, aparece o medo de se abrir para atividades ao ar livre e as principais limitações esbarram em motivação pessoal, questões climáticas, insetos, estrutura, conhecimento técnico e outros. Isso mostra a urgência de se trabalhar a formação de professores para atuar nesse contexto.

É comum que educadores não tenham formação, acadêmica e de vida, para trabalhar questões ambientais, visto que para a maioria desses profissionais a sala de aula é o principal núcleo do trabalho pedagógico e ainda parece ser difícil aceitar que o processo educativo aconteça em ambientes externos, de forma cotidiana. Segundo Galdino (2021) ao buscar as correspondências entre a EA e a PW é possível percebermos que a abrangência varia de referências que surgiram como alternativa ao materialismo histórico até uma abordagem que considera o ser humano e todo o planeta com sua origem divino-espiritual. Para a autora, pelo fato de as questões ecológicas não estarem explícitas nas orientações curriculares da PW, alguns professores não se atentam criticamente ao tema, faltando-lhes um olhar integrador às possibilidades de aproximação com o meio ambiente, ao planejarem suas práticas educativas. Apesar da base antroposófica oferecer diversas possibilidades para essa construção, apenas atividades esporádicas fora de sala de aula podem gerar uma lacuna na formação ecológica de estudantes das escolas Waldorf, como ocorre nas escolas de modo geral.

Contudo, pontuamos que essa situação pode ser mudada pois, em geral, os espaços educadores são vistos como potenciais locais para o exercício da ética e podem proporcionar à comunidade escolar oportunidades de transformarem seus valores em atividades cotidianas. Para que haja a busca pelo comportamento moral e o fortalecimento desse tema no âmbito pedagógico, é necessário promover frequentes diálogos em ciências da educação e formação de educadores quanto às questões ambientais. O desafio de construir práticas pedagógicas transformadoras é sair da sala de aula e diversificar a forma de se relacionar com o ambiente escolar e o entorno educativo.

4 Análise de dados: discussão sobre as entrevistas

Nas entrevistas com educadores Waldorf foram colhidas percepções sobre EA. Na PW, a EA é entendida como transversal, holística, integradora, presente em todos conteúdos e propostas, e enfatizada em alguns projetos específicos. Assim, ela está presente de forma integrada e perpassa as vivências, o aprendizado, afeto e integração.

Os participantes desta pesquisa apontaram, nas entrevistas realizadas pela pesquisadora, que o meio ambiente é compreendido como interações complexas, sociais, biofísicas, políticas, filosóficas e culturais. Além disso, incluíram elementos morais e espirituais, e parecem incorporar questões que permeiam a totalidade do assunto e demonstram a compreensão do lugar do ser humano na totalidade. Emerge de suas respostas o pressuposto de que a EA seja o desenvolvimento da relação consciente e afetiva com o meio ambiente.

Evidenciaram, ainda, que a EA pode fazer parte de uma realidade da escola, preparada e planejada conscientemente por adultos para as crianças. Aparece como sendo de grande importância que a comunidade escolar se envolva nessas ações e não apenas professores e alunos.

Quanto ao significado da EA na PW, as respostas dos participantes permitem inferir que há lacunas na escola Waldorf quanto à formação crítica e política de toda comunidade escolar no reconhecimento dos problemas ambientais globais. Isso pode estar relacionado ao fato de que, na base antropológica orientada por Steiner, apenas por volta dos catorze anos de idade um indivíduo tem capacidade de formular juízos a respeito do mundo, e, antes dessa idade, não se deve oferecer a ele juízos prontos, mas apenas vivências e experiências que lhe permitam formar seus próprios julgamentos no futuro, pois “Uma vez que a atividade crítica e política depende da formulação de juízos, ela é impossível com crianças de 8 e 9 anos do ponto de vista desta teoria” (OLIVEIRA, 2006, p. 131). Outra possibilidade é que na PW evita-se transmitir a ideia de conservação ambiental “já que, segundo a teoria Antroposófica, o Ambiente deve ser considerado como um bem em si mesmo e deve ser preservado e/ou conservado em qualquer situação” (OLIVEIRA, 2006, p. 131).

Salientamos que, ao pensar na escola Waldorf com toda a comunidade escolar, de acordo com sua metodologia de ensino, alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental devem ser protegidos do pensamento crítico, porém os do Ensino Médio (incluindo professores e pais/mães) devem participar do debate e ações de apoio às lutas sociais, e de conquistas de novos direitos. O processo educativo no ensino fundamental da escola que utiliza a PW, está orientado à busca do pensar, agir e sentir em uma unidade do ser humano com o ambiente interno e externo. Esta unidade integra os saberes e todas as disciplinas curriculares.

Depreendemos, através das análises que emergiram das respostas dos sete sujeitos da pesquisa, que a educação Waldorf contém concordâncias com a EA Crítica, mas, também, com a Educação Ecológica e Holística, com a visão sistêmica do mundo e com os princípios da Ecologia Profunda, assim como a Alfabetização Ecológica e a EA Vivencial. A partir dos resultados obtidos nas entrevistas é possível inferir que a PW busca transmitir esses princípios aos alunos e à comunidade escolar, de forma que grande parte dos envolvidos tenham uma ampla visão da relação ser humano e natureza, de modo que a interação com o meio ambiente aconteça de forma afetiva e não utilitária.

Dos sete entrevistados, três tem a EA na sua formação profissional. Outros quatro disseram ter formação vivencial familiar, como estudante, ou através de buscas pessoais por assuntos correlatos e ética pessoal. Porém, todos os sete participantes entrevistados alegaram estar, de algum modo, formados, preparados ou em formação no que concerne à EA.

Entretanto, a realidade apresentada pelos entrevistados não abrange todos os professores. Todos os entrevistados atuantes têm uma relação com a EA em seu histórico de vida e profissional. Quanto aos formadores, dadas as suas experiências de vida, como veteranos de sala de aula, possuem uma ampla visão para a atuação pedagógica. Isso mostra que eles não representam a realidade dos professores que, de forma geral, não possuem esse lugar de fala, tampouco possuem a profundidade de vivência e conhecimento quanto à EA e à PW.

Apesar do profundo conhecimento que a Antroposofia oferece para que educadores em formação e atuantes possam se desenvolver quanto ao conhecimento sobre o ser humano, existem possibilidades de atuação pedagógica que não são abordadas nos cursos de formação.

Essas demandas surgem ao notar que muitas das pessoas que fazem o seminário Waldorf têm pouca ou nenhuma vivência ambiental, e tampouco consciência sobre esse tema. Mesmo com essa realidade, durante a formação de quatro anos para professor Waldorf, pode acontecer que esse tema seja apenas citado superficialmente, sem que lhe confirmem a devida importância e aprofundamento diante da urgência da questão.

É importante pontuarmos que, durante as entrevistas, educadores e formadores demonstraram não ter consciência dessa lacuna na sua formação para abordar questões ambientais em suas práticas pedagógicas. Ao que parece, formadores de professores entendem que a formação oferecida aborda todos os aspectos importantes para preparar profissionais Waldorf. Observamos, ainda, que não verbalizaram a necessidade de abordar questões ambientais ao longo das formações, tampouco a oportunidade de ampliar a oferta dessas práticas no cotidiano escolar.

Teixeira, Bernartt e Pezarico (2014) afirmam que um dos grandes gargalos para que essas práticas de EA sejam inseridas nos cotidianos escolares é que, de forma geral, os educadores não têm formação nesse sentido. Por isso, no ensino, a EA normalmente é conservadora e pouco efetiva. A formação de um novo educando envolve prática docente crítica, pelo movimento dinâmico entre o fazer e o pensar sobre o fazer, permeado pela reflexão crítica permanente na busca da melhoria de sua prática educativa.

No contexto da PW, esse tema é tratado como autoeducação, sendo aspecto fundamental a todo professor Waldorf na busca de formação contínua e transformação consciente de sua prática educadora. Além disso, essa formação é necessária para que tenham conhecimento suficiente para fazerem a revisão e adequação dos currículos escolares às demandas regionais, contemporâneas, ambientais e ecológicas locais. Com base nisso, todos os entrevistados concordam que existe muito de EA na PW, a EA não é considerada disciplina e as vivências na natureza fazem parte de todo processo educativo. A PW trabalha pressupostos da EA, porém dá outros nomes a conteúdos, às vezes iguais ou parecidos.

Desse modo, apontamos que nossa pesquisa demonstrou que há interfaces entre EA e PW, visto que os entrevistados reconhecem que a PW apresenta aproximação com a EA de diversas maneiras, geralmente por meio de vivências na natureza, busca da relação saudável com o ambiente, amor e religiosidade, estudo do fenômeno e a comunhão entre ciência, arte e religiosidade, prática da Agricultura e pela abordagem integrada. Os sete entrevistados concordaram que há essa aproximação, e cada um expôs, à sua maneira, uma forma diferente para isso acontecer no cotidiano escolar.

Essa convivência prática, oferece ao cotidiano escolar o exercício do pensamento complexo com práticas de ensino/aprendizagem transdisciplinar possíveis em todos os níveis de ensino. Quando a criança é colocada diante da natureza, ela vê o mundo com curiosidade e admiração. Isso potencializa sua sensibilidade e a expressividade ao reagir ao meio ambiente. Tanto na EA quanto na PW a combinação da ciência e artes tem um importante sentido pedagógico e permeia todo o conteúdo curricular, delineando-se, aí, outro eixo comum a ambas.

Igualmente, o estudo do fenômeno oferece a oportunidade de se obter uma imagem religiosa, sagrada da natureza, pois chama a atenção para a relação entre alunos e o meio natural por curiosidade e descoberta, demonstrando a relação direta entre eles e a essência da natureza, não como algo dissecado, mas que merece respeito e devoção por existir. Sob esse aspecto, de acordo com os entrevistados, a forma de abordar os conteúdos têm um misto de cientificismo e religiosidade. Desde a preparação do ambiente de sala de aula até o estudo dos fenômenos há um cuidado em apresentar a natureza na sua forma original. O tema Agricultura aparece de forma a enriquecer as vivências e a conexão com a natureza.

Fundamentados nessas respostas dos entrevistados, inferimos que esses educadores parecem pensar a EA como conteúdo e cientificidade, demonstrando estigmas e desconhecimento. Pouco se falou em EA e suas estratégias, como descritas na revisão

bibliográfica deste estudo. Realmente, os entrevistados definem que a relação ser humano e natureza poderá ser transformada a partir de vivências no cotidiano. O educador deve conduzir sua classe orientada pelo profundo conhecimento antropológico e espiritual do ser humano. Com base nisso, visualizamos uma preciosa oportunidade de (re)pensar constantemente o currículo Waldorf. Steiner não deixou nenhum currículo pronto, deixou diretrizes. As interpretações e contribuições de Stockmeyer (1976) e Richter (2002), por exemplo, são orientações que devem ser usadas com olhar crítico, adequando as diretrizes curriculares à realidade de cada escola, professor ou turma.

Apesar disso, algumas escolas e professores Waldorf seguem usando currículos prontos, enrijecidos. Certamente, a forma que vem acontecendo as formações de professores, nos últimos sessenta anos, tem relação com esse fato. É comum que autores não ligados à antroposofia não sejam trabalhados no curso de formação Waldorf. Nesse contexto, fica a dúvida de como poderia acontecer uma discussão sobre EA e PW se não for pautada nos diversos autores e de forma ampla? A oportunidade de analisar a obra de Steiner (1994, 1996, 2000, 2009, 2012, 2014a, 2014b) junto com outros autores que tratam de EA, possibilita uma discussão política, de mudança de valores e de atuação pedagógica. É importante constatar o fato de essa prática de estudo ainda não estar ligada à formação de professores Waldorf.

No Brasil, ao pensar PW, percebemos que ainda se segue, cegamente, algumas recomendações vindas da Europa do século XIX e início do século XX. Práticas cotidianas e narrativas orientadas de forma enrijecida nos cursos de formação Waldorf têm relação direta com a prática pedagógica dos professores que reproduzem esses conteúdos. Entendemos, contudo, que, diante das peculiaridades regionais e culturais, existe potencial diverso para a escola Waldorf atuar com temas como as brasilidades e aproximar o diálogo com movimentos sociais.

Apesar da liberdade de cátedra, quando educadores são formados nesse modelo padronizado, vivenciam a insegurança de inovar, com risco de não serem aceitos naquele meio e diante da falta de preparo da comunidade para acolher o novo. Essa forma de prática vai de encontro com o que realmente entende-se sobre a liberdade e até que ponto conseguimos fazer real uso dela, conforme Steiner (2000) questiona. Assim, depreendemos da pesquisa que embasou este artigo, que um dos desafios para as formações de professores Waldorf é incentivar, mostrar caminhos para inovar, para colocar o que tem de si, na prática pedagógica.

Vale explicar, ainda, que os entrevistados enfatizaram que o contato com a natureza deveria ser o mais natural possível, cotidiano, sem a necessidade de criar uma situação descontextualizada para essa prática. Como todas as vivências Waldorf, essa relação da criança com a natureza deve ser construída a partir de um profundo conhecimento, do educador, sobre as etapas do desenvolvimento da criança. Esse entendimento sobre como o ser humano se desenvolve, possibilita a condução de atividades que contribuem como formação para toda a vida. Justamente, o currículo da PW orienta sua proposta de ensino para essa relação íntima com a natureza, porém, entendemos que poderiam acontecer ainda mais atividades e vivências ao ar livre. Aplicar essa orientação de diversas maneiras a fim de proporcionar vivências inconscientes que só a natureza pode nos oferecer.

Os entrevistados consideram que a transformação da relação ser humano e natureza, na vida adulta, vem de uma relação íntima do contato da criança com a natureza. Por exemplo, as atividades de plantio de cereais no 3º ano e a horticultura no 6º ano. Essas propostas fazem parte do currículo há mais de cem anos e provavelmente, em todas as escolas de PW, elas acontecem. Porém, é importante ponderarmos se, no ano de 2021, para uma criança urbana, exposta e por vezes viciada em mídias digitais, apenas esse contato esporádico é suficiente. Embasados nessas ponderações, parecem-nos evidentes as inúmeras possibilidades de abordagem de EA no currículo de PW, porém, ainda é necessária uma ressignificação de valores e paradigmas que, por vezes, se mantêm embotados e cristalizados nas comunidades escolares waldorfyas.

Segundo Bach Junior e Guerra (2018), o currículo da PW foi concebido para conciliar dois aspectos. Primeiro, há a idealização do currículo na imagem do ser humano, na evolução cultural e social da humanidade e na adequação dos conteúdos de ensino aos princípios do desenvolvimento humano. Segundo, há a questão da realidade, o contexto do espaço e do tempo em que alunos e educadores estão inseridos. Dessa forma, a realidade se transforma sendo necessário conciliar o currículo com a contemporaneidade. O currículo que propõe a maioria dessas práticas foi pensado para a criança de 1919. Seria o caso de pensar em ter agricultura com atividade curricular em todos os anos escolares ou até mesmo extracurricular, no contraturno? Dessa forma seria possível proporcionar vivências contínuas e permanentes em todos os anos do ensino.

As narrativas sobre natureza também foram citadas e valorizadas por despertarem a fantasia para uma vivência imaginativa. Esta enriquece a vivência física e leva alunos a perceberem que o mundo vai além da casa, escola, uma cidade e desperta a curiosidade por tudo que há para se descobrir. Assim como na EA Vivencial, oferece às crianças a oportunidade de estar na natureza e a observar atentamente, criando um espaço para o despertar da alegria e admiração no mundo natural. Essa proposta pedagógica está alinhada com Cornell (1996), que aponta que as narrativas são uma das formas de fazer EA e aproximar o ser humano de uma relação individual e coletiva de pertencimento, de união com a natureza e todas as formas de existência.

Assim como proposto por Cornell (1996) através da EA Vivencial, na PW a criança ou o jovem, escuta uma narrativa ou observa um fenômeno e forma uma imagem, na qual ainda está escondido o conceito do que se pretende ser observado e registrado no momento apropriado. O conceito é duro e seco, mas, permeado de imagens, tem todo potencial para se desenvolver. Para isso, é indicado que aconteçam vivências, de maneira plena, com o corpo inteiro. Essas vivências criam uma imagem dentro da criança e os conceitos são formados a cada etapa de seu desenvolvimento, em uma construção interna e própria. Dessa forma, apenas a sala de aula não comporta essa forma de educar, é necessário um entorno educativo preparado e cuidado por todos da comunidade escolar. Em concordância com isso, um dos entrevistados enfatizou a importância do contato com a natureza para o autodesenvolvimento socioemocional, dizendo que é preciso ir à natureza para ter a experiência e reconhecer as forças de criação que atuam ali.

Quanto aos conteúdos, depreendemos que a EA encontrada na PW não se concentra na formação direta de hábitos, mas, sim, na harmonização do indivíduo com a natureza, que tende a se reverter na formação de hábitos ecologicamente corretos (OLIVEIRA, 2006). Essa capacidade de formação de hábitos e harmonização é possível quando há experiências sensoriais diretamente relacionadas com o trabalho na terra, pois cria empatia e oferece oportunidade de o ser humano desenvolver capacidades que ele não teria, caso não tivesse essas vivências durante a infância. Nessa mesma direção, dois entrevistados citaram que quando esse desenvolvimento acontece na infância, a consciência com relação ao respeito à natureza cria uma memória. Dessa maneira, não fica no pensamento e, sim, no sentimento, e o cuidar da natureza torna-se algo natural.

É preciso entender o desenvolvimento infantil, pois uma criança de primeiro setênio não se vê fora da natureza, ela própria é parte integrante do meio que vive. Até os anos iniciais do EF essa abordagem era muito própria para esse momento. Com cuidado para não racionalizar essa relação antes da criança estar pronta para a abstração. Steiner (2014a) afirma que o que fundamenta a PW é a busca constante de uma metodologia de ensino que encontre, na leitura da natureza humana, as condições para manter a educação viva. Constatamos, assim, que a transformação da relação do ser humano e natureza não só pode acontecer a partir das vivências proporcionadas na infância, como podem ser construídas durante toda a vida. Essa formação

do corpo de memória com o meio ambiente acontece, cotidianamente, através do fazer, do pensar e do estabelecimento das relações e vínculos afetivos.

Alinhados a isso, os entrevistados disseram que o principal desafio para se proporcionar vivências na natureza é o excesso de ambiente urbano em que estamos inseridos. Ao procurar a reconexão com a natureza, as pessoas poderão encontrar, novamente, o sentido entre o eu e o mundo, de forma que o dualismo se omita nesse ponto. Diante dessa desconexão, o ser humano acredita que o seu interior é um ser totalmente alheio à natureza e procura, posteriormente, se unir a ela (STEINER, 2000). Nesse sentido, um dos entrevistados afirmou que a humanidade está diante do grande desafio de despertar para a urgência das questões ambientais e ecológicas que ameaçam a Terra. E complementou que uma das formas de buscar reverter esse quadro é através da Pedagogia e sua mudança na forma de atuação. Principalmente, para que o educador deixe de ser especialista teórico e se aproprie de um ofício prático para promover aprendizagem efetiva às crianças.

Com essa mesma perspectiva, um outro entrevistado trouxe um conceito que chamou de *erosão da infância* como principal desafio, consequência da crescente exposição das crianças ao mundo das máquinas e digital. Apesar da onipresença das ferramentas digitais, para a maioria dos entrevistados há nas escolas de PW, de alguma forma, vivências de contato das crianças com a natureza. Mesmo em escolas urbanas, a metodologia e os recursos didáticos da PW fazem uso de exercícios de contemplação da natureza como meio para o desenvolvimento da sensibilidade estética e ambiental. Porém, um dos entrevistados afirmou que, para que esse desenvolvimento ocorra, é necessário que haja lideranças mobilizando, vivenciando ações na escola e cuidando dos fluxos desses processos. Apenas um dos entrevistados apontou que nem todas as escolas de PW possuem atividades de contato com a natureza por estarem em ambientes urbanos.

Guttenhöfer (2014) diz que para que a escola ofereça uma educação holística para crianças é necessário criar um entorno educativo e considerar que as habilidades e competências das crianças estão em crise. A escola como espaço de aprendizagem pode dar novo impulso à formação das crianças. Para possibilitar essa mudança no ambiente escolar é preciso identificar qual o perfil necessário a um professor para que ele aplique o currículo da PW. Os entrevistados disseram que não há uma forma padrão para identificá-los, porém a busca de autoconhecimento e autoeducação é premissa básica para ser um educador Waldorf. É de grande importância a consciência da ética social, do ser parte de uma comunidade.

Nessa mesma direção, a EA tem pensado num novo educador, mediador do conhecimento, sensível e crítico, aprendiz permanente e organizador do trabalho na escola, um orientador, um cooperador, curioso e, sobretudo, um construtor de sentido (GADOTTI, 2000). Nesse caminho, toda a questão de ensino não se resume ao interesse, aplicação e dedicação por parte dos alunos e sim, por parte do professor, inicialmente, pois o aluno Waldorf aprende através de pessoas, e não de livros, pois o que se oferece nesse tipo de escola são conhecimentos e vivências (STEINER, 2014b).

Os entrevistados afirmaram que o compromisso com o desenvolvimento humano é a principal característica do professor Waldorf. Isso não se consegue apenas em cursos de formação teóricos, mas, sim, na busca individual, com empenho no processo de autoeducação e de entrega para a construção coletiva da comunidade escolar. Na perspectiva de Mendonça (2007), em consonância com a visão Waldorf, os educadores precisam se aproximar daquilo que une os habitantes da Terra. Para isso, é importante desenvolver mecanismos que ajudem as pessoas a sentir o pulsar da vida, reconhecer as diversas formas que a vida tem para se manifestar e ampliar a percepção do mundo em que vive. Isso é melhor e mais facilmente percebido nas vivências com a natureza.

Por meio das respostas analisadas, foi possível perceber que o trabalho feito na PW, em sua essência, tem a intenção de aproximar o ser humano da natureza, não como um ser externo

a ela, mas integrado aos processos de sobrevivência. Os entrevistados se colocam diante dos aspectos relacionados à consciência ecológica como se esses estivessem subentendidos no currículo da PW. Porém, apesar de serem oferecidas muitas oportunidades na proposta de metodologia e didática da PW, identificamos algumas lacunas de elaboração, aplicação e desenvolvimento curricular. Apontamos, então, que apesar de toda a construção já realizada para viabilizar a EA, ainda há um longo caminho de transformação a percorrer até que se torne uma realidade mesmo nas escolas PW.

A EA é assunto urgente e parece permear o consciente coletivo dos educadores entrevistados. O fato de a infância estar ameaçada é reconhecido, mas ainda faltam atitudes que promovam transformação. A principal dificuldade encontrada foi que existem poucos trabalhos acadêmicos abordando esse tema, dificultando a discussão com base em outras experiências nesse assunto. Uma conquista importante foi encontrar, nas respostas dos entrevistados, uma relação da EA com várias atividades propostas na PW e perceber que muitas delas acontecem de forma cotidiana e comprometida com o desenvolvimento humano.

Após a análise das entrevistas, além de notarmos as correspondências que existem, foram identificadas lacunas quanto à aplicação de práticas entre de EA na PW, que elencamos abaixo:

- (i) A falta de formação crítica e política da comunidade escolar no reconhecimento dos problemas socioambientais globais parece ser uma lacuna não apenas na ação consciente da EA, mas também com todo o movimento antroposófico.
- (ii) Outro ponto importante é o fato de não haver, na maioria das formações de professores Waldorf, a abordagem sobre temas urgentes como a questão ecológica e as consequências do uso das mídias digitais no cotidiano escolar. Esses assuntos são realidade no dia a dia escolar e precisam estar nas formações de educadores que atuarão imersos nessa realidade. Muitas vezes, o educador não tem conhecimento prévio sobre esse assunto e acaba atuando de forma inconsciente.
- (iii) A partir das respostas dadas nas entrevistas, notamos que, de maneira geral, educadores Waldorf parecem pensar em EA como conteúdo e cientificidade demonstrando estigmas e desconhecimento sobre abordagens como sensibilização, interpretação ambiental e os matizes, de EA. Os professores utilizam muitas das ferramentas pedagógicas da EA sem consciência.
- (iv) Com enfoque Eurocêntrico, falta às escolas Waldorf abordagens regionais, usando a cultura brasileira e de toda América Latina, de forma a oferecer aos alunos elementos e vivências dentro e fora de sala de aula a partir do conhecimento sobre a cultura local e regional. Essa abordagem regional pode fortalecer o sentimento de pertencimento e a apropriação do conhecimento por meio de identidade local.
- (v) Entendido como um importante gargalo na busca de transformação, está a necessidade de ressignificação de valores por parte do Corpo Pedagógico. Isso seria possível através de prática crítica, construção reflexiva e estudo antropológico. Isso caracterizaria a busca por transpor as limitações em assumir atividades inovadoras de demandas locais e contemporâneas. Novas práticas são possíveis de serem reformuladas, a partir de uma abertura para o novo.
- (vi) É notável a dificuldade de professores e familiares, com hábitos urbanos, de desenvolverem em si as relações e vínculos afetivos com o ambiente natural, a reconexão cotidiana com a natureza, necessária para proporcionar vivências verdadeiras às crianças. As crianças agem por imitação, precisam ver seus mentores em ação para se inspirarem a atuar, formar hábitos e agir com intimidade no contato com a natureza.
- (vii) O caminho da transformação passa pela necessidade de desenvolver as comunidades escolares para livrar-se de hábitos embotados e cristalizados que engessam o

processo criativo e não permitem o avanço de novas abordagens no organismo social – participação, cooperativismo, ecologia, mídias digitais, alimentação etc. Essas ações integradoras do ambiente social devem ser, cada vez mais, fortalecidas para motivar a atuação pela construção do ambiente coletivo, de uma escola para todas as famílias.

5 Inquietações finais

Ao buscar correspondências, semelhanças e diferenças, entre os conceitos e práticas da EA e PW no Ensino Fundamental, notamos que o debate e a aplicação desse assunto ainda são incipientes. Na área de EA, existem várias referências acadêmicas, muitos autores e um pensamento desenvolvido há anos, por diversos olhares. No caso da PW, esses estudos são eventuais, poucos autores e de forma fragmentada. É importante assumir que existem lacunas e precariedades na PW, inclusive o fato de não haver pesquisadores para subsidiar o desenvolvimento desse assunto.

Apesar de abrangente, a obra de Steiner para a PW não deve ser considerada pronta. É preciso reconhecer a necessidade de atualizações curriculares e adaptações aos contextos históricos e às realidades locais. A base deixada pode e deve ser pensada, sentida e construída, pois não foi concebida como sendo algo definitivo. Há espaço para inovações no cotidiano escolar, no que se refere à metodologia e didática que aborda práticas com enfoque ambiental.

Os temas ambientais, apesar de serem urgentes, parecem estar apenas iniciando, em debates e na construção, dentro da Escola Waldorf. Não há antropólogos acadêmicos se destacando na sua contribuição para a relação entre as questões ambientais atuais e a antroposofia. Dessa maneira, tanto nas reflexões sobre a PW quanto nas descrições de experiências concretas na escola Waldorf pelos entrevistados, observamos que pouco foi estudado sobre a relação e implementação da EA na PW. Principalmente, sobre as atividades realizadas na PW que, em sua concepção, buscam objetivos similares aos da EA.

Para pensar a EA nas escolas de PW é importante refletir se o que foi deixado como orientações curriculares, no início do século XX, está, realmente, sendo aplicado e se é suficiente para a atualidade. A própria prática pedagógica reflete as lacunas a serem observadas e direciona quanto às estratégias para preenchê-las. Dessa forma, é possível trazer algo novo para construção de entornos educativos adequados às diversas realidades socioculturais. Uma das questões para que essa construção curricular seja efetiva, passa por avaliar a maneira com que a questão ambiental tem sido abordada nas formações de professores Waldorf.

Com todas as oportunidades e desafios para aproximar ser humano e natureza, especificamente no ambiente escolar, seja qual for a orientação pedagógica, é necessário que a comunidade escolar esteja alinhada com a proposta de espaço educador e integrador. Porém, em geral, não há espaço, tempo, formação de vida, técnica e científica para provocar, concretizar e sustentar essas iniciativas.

O ambiente antroposófico de uma escola Waldorf, busca oferecer caminhos para sistemas cooperativos, espaços de debate e autoavaliação, liberdade para expressão individual ou em grupo. Isso proporciona oportunidades para o exercício social, porém há muito por vir. É importante para essas comunidades escolares livrar-se de hábitos embotados e cristalizados e permitir abertura para o novo, com ação reflexiva sobre a prática individual no coletivo. Apontamos que essa revisão de valores é urgente, diante do fato de que os níveis de problemas no âmbito da educação tem aumentado e parece que pouco está sendo feito para reverter esse quadro. Ao contrário disso, a EA não está sendo priorizada, tampouco inserida na realidade educacional.

Tanto no ambiente escolar como no contexto das relações sociais, há um discurso de reconhecimento das ferramentas de EA como sendo efetivas no processo educativo e de

transformação social, mas ainda falta muito para serem aplicadas. É preciso rever a forma de pensar o ensino, na intenção de promover um resgate do vínculo entre ser humano e natureza, ameaçado, e, por vezes, perdido. Assim, reiteramos a necessidade de estimular e inspirar, cursos de formação de professores a repensar abordagens cotidianas do tema meio ambiente, ecologia e cuidados com a saúde humana e planetária. A EA precisa de atenção especial, na busca de construir realidades com base não apenas em orientações curriculares, mas a partir das demandas específicas locais.

O dilema é estar diante de uma geração de crianças intermediada por adultos e suas consciências de uma vida urbana, industrializada e mercantilizada. Para haver reflexos verdadeiros na educação das crianças, os adultos que as cercam precisam atentar quanto à própria consciência, no cuidado de si, do outro e de toda humanidade por todos os reinos da natureza.

Referências

- BACH JUNIOR, J. B. *Educação Ecológica por meio da Estética na Pedagogia Waldorf*. 2007. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- BACH JUNIOR, J.; GUERRA, M. G. M. O currículo da pedagogia Waldorf e o desafio da sua atualização. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v.16, n.3, p. 857-878 jul./set.2018.
- BOS, A. *Desafios para uma pedagogia social*. São Paulo: Antroposófica, 1986.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo, Cultrix, 1982.
- CORNELL, J. *Brincar e aprender com a natureza: um guia sobre a natureza para pais e professores*. São Paulo: Senac/Melhoramentos, 1996.
- CORNELL, J. *A alegria de aprender com a natureza: atividades na natureza para todas as idades*. São Paulo: Senac/Melhoramentos, 1997.
- FERNANDES, M. D. *O Método clínico na Medicina Antroposófica e a Clínica Foniátrica: O Homem e sua complexidade*. 2006. 244 f. Dissertação (Mestrado em Fonaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 51 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GADOTTI, M. *Pedagogia da Terra*. 3 ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- GALDINO, A. P. P. *A educação ambiental e a pedagogia Waldorf no ensino fundamental*. 2021. 165 f. Dissertação (Mestrado em Análise Ambiental Integrada) - Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas, Universidade Federal de São Paulo, Diadema, 2021.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. 9 ed, Campinas: Papyrus, 1995.
- GUTTENHÖFER, P. Salvando a infância: Um memorando para uma pedagogia do fazer. In: *Boletim da Escola Waldorf Anabá – Micael*, Florianópolis, [s.v.], n. 3, 1-32, 2014.

HUTCHISON, D. *Educação ecológica: ideias sobre consciência ambiental*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MENDONÇA, R. Educação ambiental vivencial *In*: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental, 2007. Volume 2. p. 117-129.

OLIVEIRA, F. M. C. *A relação entre Homem e Natureza na Pedagogia Waldorf*. 2006. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

RICHTER, T. *Objetivos Pedagógicos e Metas de Ensino de uma Escola Waldorf*. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2002.

STEINER, R. *Andar, falar, pensar: a atividade lúdica*. 4 ed. São Paulo: Antroposófica, 1994.

STEINER, R. *A arte da educação II*. São Paulo: Editora Antroposófica, 1996.

STEINER, R. *A filosofia da liberdade: fundamentos para uma filosofia moderna: resultados com base na observação pensante, segundo método das ciências naturais*. São Paulo: Antroposófica, 2000.

STEINER, R. *A questão pedagógica como questão social: os fundamentos sociais, histórico-culturais e espirituais da pedagogia da Escola Waldorf*. São Paulo: Antroposófica/Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2009.

STEINER, R. *A educação da criança do ponto de vista da ciência espiritual*. São Paulo: Antroposófica, 2012.

STEINER, R. *A cultura atual e a Educação Waldorf*. São Paulo: Antroposófica: 2014a.

STEINER, R. *A metodologia do ensino e as condições da vida do educador*. São Paulo: Antroposófica/Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2014b.

STOCKMEYER, E. A. K. *Currículo de Rudolf Steiner para as Escolas Waldorf*. Tradução de Sérgio G. Corrêa. Stuttgart: Centro de Pesquisas Pedagógicas da Associação das Escolas Livres Waldorf, 1976.

TEIXEIRA, E. S.; BERNARTT, M. L.; PEZARICO, G. Formação de professores e práticas pedagógicas em educação ambiental. *Revista de Ciências Humanas – Educação*, Frederico Westphalen, v. 15, n. 25, p. 108-120, dez. 2014.

WHA - WORLD HEALTH ASSOCIATION. Division of Mental Health. *Qualitative Research for Health Programmes*. Geneva: WHA, 1994.

YIN, R. K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.

